

## IMPrensa DE TRINcheira

Dezembro, 1944.

A imprensa não funciona apenas na retaguarda, nestas guerras de hoje. Ela não cuida apenas do "front interno"; "ataca" o inimigo, saltando sobre suas linhas.

Trata-se de uma imprensa especial, frequentemente reduzida à condição de volantes, mas incluindo também verdadeiros jornais noticiosos e informativos. Os soldados alemães que lutam em nossa frente são cavaleiros bem informados do que vai pelo mundo. Os aliados os informam, dispondo para isso de jornais.

São escritos em alemão e lançados em abundância sobre as linhas alemãs. As autoridades aliadas da "guerra psicológica" redigem esses jornalinhos com o maior esmero, dando notícias exatas da marcha da guerra. Que eles são lidos, são. Mais de uma vez foram aprendidos exemplares no bolso de prisioneiros alemães. Volantes preparados pelos brasileiros (escritos, naturalmente, em alemão) também têm sido lançados do lado de lá. Soldados inimigos que desertaram para as nossas linhas tiveram o cuidado de trazer consigo o pedaço escrito em várias línguas e que funciona como "salvo-conduto" para o homem que desceja se entregar.

Nossos colegas da imprensa alemã retribuem, cuidando de fornecer literatura aos nossos soldados. Até agora, minha coleção inclui apenas dois espécimens em inglês e português.

O que está escrito em inglês — mas destinado especificamente aos soldados norte-americanos, e não aos ingleses — é muito bem impresso. Vi outros folhetos dessa série. O que tenho apresenta uma linda jovem universitária americana com uma perna para o céu e um sorriso nos lábios. A legenda concia o soldado a olhar bem para aquilo — porque com toda certeza será a última vez que ele verá imagem tão interessante. No verso são examinadas as perspectivas que o soldado tem em sua frente: ser morto, ficar inutilizado ou ir parar em um cam-

po alemão de prisioneiros de guerra. No último caso — diz a legenda — ele terá ainda uma chance de algum dia ver uma pequena como aquela.

#### Para os brasileiros

É evidente que a literatura em inglês só pode interessar a uma parte muito pequena dos soldados brasileiros. Um sargento que pegou vários exemplares desse folheto me disse:

— Não entendo o que está escrito, mas que a pequena é boa, é. Os "Fritz" podiam jogar mais disso para a gente.

Mas os "Fritz" não querem fazer concorrência ao Serviço Especial — que é o nosso departamento encarregado de divertir os soldados. Eles estão agora lançando papeluchos em português. Foram, aliás, pouco genis: os volantes destinados aos nossos homens são feitos em um papel muito inferior ao destinado aos americanos, sem cores e sem ilustração.

Os volantes são impressos dos dois lados. Os argumentos usados são exatamente os mesmos constantemente empregados pela ilustre quinta-coluna aí no Brasil. A única diferença é que os quinta-colunistas daí escreverem em um português um pouco mais bem cuidado. O redator do folheto faz uma mistura de terceira e segunda pessoas: "por que é que "voçês" abandonaram a "vossa" terra, cheia de sol e radian-te..." Diz que a guerra será para nossos homens cada vez mais dura "porque nós, soldados alemães, defendemos tenazmente e com pertinácia cada metro da nossa frente". O principal argumento é perguntar por que os brasileiros estão lutando na Itália — embora seu autor não explique, afinal de contas, por que é que os alemães estão lutando no mesmo país.

O volante promete boa comida ao prisioneiro, sem distinção de nação e raça, e não apenas boa comida como consideração, pois lá "não se desconsidera ninguém". Nada, portanto, de racismo. A frase mais forte, que mereceu um tipo especial, é esta alta verdade filosófica: "O essencial numa guerra é voltar com vida ao seu lar." Eis um belo pensamento posto na boca dos soldados alemães — que são os supostos autores do recado. Eis aí o Sr. Hitler pacifista e anti-racista... em português.

Até hoje não se registrou um só caso de algum pracinha nosso que desertasse para o lado de lá. Naturalmente eles acham que do lado de cá estão mais perto de nossa terra "cheia de sol e radiante". Ainda agora, por ocasião do segundo ataque feito pelas nossas tropas a uma posição alemã fortemente defendida (que no momento em que escrevo continua em poder dos alemães), um homem nosso, ferido e feito pri-

sioneiro, fingiu-se de louco e conseguiu afinal voltar às nossas linhas, aproveitando um instante em que o alemão "bobeou".

Por outro lado, continuam a pingar desertores alemães. Hoje mesmo vi um deles. No momento de ser interrogado estava ansioso; queria saber se seria considerado por nós como desertor ou como prisioneiro de guerra. Nosso oficial explicou-lhe que ele receberá o tratamento comum e terá todas as garantias de um prisioneiro de guerra, que só não se estendem aos espíes.

— Então meu nome não será publicado como o de um desertor? — Não.

— Neste caso posso estar tranquilo que minha família não sofrerá nada. Se quiserem publicar meu nome como prisioneiro feito em combate, é um grande favor dar pelo rádio de Londres. Lá em casa o pessoal ouve toda noite, escondido. Assim eles ficam sabendo que eu afinal consegui...

A atitude desse homem desertando não foi, certamente, fruto de nossa propaganda. O que agiu sobre ele foi a perspectiva de mais sofrimento e talvez a morte em uma guerra sem esperança: foi a terrível e incomparável propaganda dos fatos, que, a certa altura, acaba por impressionar mais que todas as palavras...